

Mailson não vê razão para pânico

BRASÍLIA — “Se todos saírem na frente todos vão cair.” Assim, o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, definiu o recado que transmitirá aos empresários em mais uma rodada de negociações na tentativa de traçar uma conduta de ação que evite aumentos preventivos por conta de um “congelamento de preços que não virá” ou para correção da margem de lucro. “É preciso chamar os empresários à responsabilidade para evitar a exacerbção de expectativas. Não há razão para pânico”, resumiu.

Enquanto espera dos empresários “sinais de colaboração”, Mailson seguirá exatamente a mesma política que vem adotando nos últimos meses, centrada basicamente em uma política monetária de juros elevados, próximos aos 3% acima da inflação. “Não vamos inventar nada”, insistiu várias vezes na entrevista coletiva, afastando, desta forma, a adoção de medidas como um redutor nos aumentos dos preços ou mesmo a prática de intervalos maiores (elevação a cada 45 dias, por exemplo), para os produtos controlados pelo Conselho Interministerial de Preços (CIP). Admitiu, no entanto, que “realmente” a inflação “sofreu uma aceleração. Mudou de pátamar. E é preocupante”, embora, na sua opinião, não dê indicações de descontrole.

Congelamento — À medida que definiu a linha de ação do governo sem “mudanças de rumos”, Mailson demonstrou que a área econômica não pretende adotar medidas mais severas, como um congelamento de preços. “Isto é uma sandice total. Essa matéria é morta no governo”, comentou, aceitando apenas com alternativas diferentes no tratamento do reajuste dos preços de tarifas públicas. A discussão no momento não é se o percentual do aumento dos serviços públicos será menor, igual ou acima da inflação. “O que se discute é a velocidade destes aumentos. Não é intenção do governo usar as tarifas públicas para combater a inflação”, explicou.

A sua disposição nas reuniões com empresários e principais executivos das empresas não é “fazer ameaças”. Está convencido de que ao governo “ainda resta o poder de persuasão”. Assim, ao retomar os contatos, possivelmente na próxima segunda-feira, procurará evitar “uma corrida injustificada para elevação de preços”, reconhecendo que a inflação “está acelerada”, mas não há razão para pânico”, como insistiu. E procurou diferenciar as rodadas de conversas com o setor privado com o seguinte argumento: “Em julho, o problema era a descrença no setor público. Agora são os preços e a conversa será importante.”

A expectativa de inflação ascendente este mês, segundo ele, cederá lugar a uma taxa mais estável em outubro, de acordo com as apurações de uma semana do índice de outubro pela Sunab, que indicam que não houve aceleração dos preços.